

Curso Básico de Vídeo



C o n t e ú d o

I n t r o d u ç ã o	2
R o t e i r o	3
C a p t a ç ã o	9
E d i ç ã o	12
C o n c l u s ã o	20

Organizado por Heitor Gribl

Introdução

A produção de um filme é um processo que necessita o domínio de uma diversidade de técnicas e conhecimentos específicos. Desde o conjunto de técnicas do cinema (filmagem, montagem) até a esfera artística da criação e produção do filme (fotografia, cenografia, sonoplastia), além dos recursos humanos e a organização do trabalho.

A elaboração de qualquer projeto cinematográfico passa pela criação de um roteiro com descrição detalhada da imagem e do áudio, além das indicações funcionais que serão divididas entre os diversos profissionais (iluminação, figurino, ângulo das câmeras, efeitos especiais para a edição final).

Seja um trabalho artístico (video-arte), clipe musical, campanha publicitária, ficção ou documentário, a tarefa de escrever um bom roteiro é indispensável para se obter um bom resultado final. Ainda assim, a improvisação durante as filmagens e as adaptações feitas pelo diretor são fatores muito comumente encontrados nos *sets* de gravações.

O passo seguinte está em organizar o material captado (imagem e som) e trabalhá-lo através de sistemas de edição (linear e não linear). Nesse momento do trabalho, as imagens são avaliadas, cortadas e aproveitadas para valorizar as passagens entre as cenas e construir, assim, o sentido narrativo da obra.

Roteiro

O processo de criação de um roteiro exige uma diversidade de habilidades. Devemos avançar passo a passo. Trata-se de uma construção que obedece uma estrutura lógica.

Todo trabalho inicia a partir do **argumento**, a idéia central, a concepção do projeto. É neste momento em que se define a linha temática do trabalho e deve ser escrito em, no máximo, dez linhas. Esse pequeno texto possui forma literária ainda sem nenhuma informação técnica para a filmagem, uma espécie de resumo, a essência da idéia.

O argumento também pode ser extraído ou adaptado a partir de uma obra literária já existente ou, ainda, ser inspirado em algum fato real ou trabalho outrora realizado. A dimensão do argumento é a de um pequeno conto, com linguagem coloquial. O conflito principal deve estar explícito no argumento, embora não necessariamente detalhado.

O passo seguinte é desenvolver o **tratamento**.

O tratamento é um texto desenvolvido a partir do argumento e que apresenta pistas narrativas mais detalhadas e aprofundadas. A forma ainda é literária. Desta forma, existe a descrição das cenas, a definição das personagens e do ambiente. O texto toma um corpo mais denso com o acréscimo de situações e a relação entre essas situações.

Em seguida é preciso montar o **pré-roteiro**. Trata-se de um processo simples e rápido, necessário para facilitar o trabalho de montagem do roteiro e da decupagem técnica. Nesta fase, o projeto apresenta como a descrição das cenas com indicação resumida do que acontece. A dimensão do pré-roteiro é a de um conjunto de frases curtas na sequência em que acontecem as cenas.

Como vimos até agora, o processo de produção de um roteiro exige talento para a criação e pré-visualização do trabalho através da escrita. A próxima fase será reunir as informações técnicas ao texto narrativo. A escrita do roteiro obedece à algumas regras que o torna compreensível pelos diversos profissionais envolvidos na produção do filme.

Cada fragmento do pré-roteiro deve ser numerado (CENA 1, CENA 2, etc.) ou ser ainda subdividida em pequenas **tomadas** de acordo com a necessidade. Durante a escrita do roteiro é necessário indicar o número da cena e um pequeno título. Deve-se indicar se a cena é realizada durante o dia ou à noite, e se o ambiente é interno ou externo. Exemplo:

CENA 9 – *O encontro das duas famílias* – exterior, dia

CENA 130 - *Discussão* - interior, noite

Outras indicações importantes relativas aos **planos** das câmeras são apresentadas por abreviaturas.

PG – Plano Geral –Enquadramento geral da cena, a captação de espaços em seu conjunto

PMC – Plano Meio Conjunto – Enquadramento da figura humana sem isolá-la do ambiente.

PM – Plano Médio ou Plano Próximo – Enquadramento do objeto ou figura humana em sua totalidade.

PA – Plano Americano – A figura humana é filmada dos joelhos para cima

PP – Primeiro Plano – A figura humana é enquadrada do busto para cima

PPP – Primeiríssimo Plano – Enquadramento do rosto, geralmente da boca às sombrancelhas

Detalhe – Termo utilizado para a figura humana ou para objetos. Para a figura humana, diz respeito a somente uma parte do rosto ou do corpo ocupando todo o espaço da tela.

Os **movimentos de câmera** também são muito comuns e importantes para focalizar melhor e em fases sucessivas os diversos elementos que compõem a cena ou para produzir efeitos de intensificação expressiva.

Panorâmica – Movimento giratório da câmera que pode ser horizontal (à direita ou à esquerda) ou vertical (de cima para baixo ou vice-versa).

Travelling (carrinho) – A câmera é colocada sobre um suporte móvel, normalmente um carrinho que corre sobre trilhos.

Zoom - Apesar de não se tratar de um movimento de câmera, existe uma simulação de movimento através do jogo das lentes câmera.

Dolly ou grua - A câmera é colocada na extremidade de um braço móvel sustentado por uma plataforma ajustada em um veículo.

Câmera na mão – Movimentos obtidos através de deslocamentos do operador que manobra a câmera sem ajuda de suportes ou tripés.

Steadycam – A câmera é fixada ao corpo do operador.

Pasolini elaborou uma tipologia das possíveis relações entre movimentos de câmera e movimento das personagens. São dois os principais “modos de qualificação fílmica”, como ele chamou:

Qualificação Ativa - ocorre quando é a câmera que se move ou prevalece. Nesse caso a câmera “age” e o sujeito “sofre”. Prevalece nos filmes do gênero “lírico-subjetivo”.

Qualificação Passiva - ocorre quando a câmera está parada e não é percebida. Nesse caso a personagem age e a câmera apenas registra. Prevalece nos filmes de tendência realista

Pontos de vista também estão indicados no roteiro através dos termos:

Plano Baixo - A câmera é posicionada abaixo do alvo filmado.

Plano Alto - A câmera é posicionada do alto. Na semiótica do cinema, esses recursos servem para demonstrar hierarquias entre as personagens. Um rei ou um santo geralmente serão filmados com Plano Baixo para ressaltar sua elevação de poder.

Para efeitos de transição:

Fusão – Passagem entre duas cenas através do efeito de transparência das imagens

Fade in/out – Muito utilizado para início e final de uma seqüência.

Fade in: a imagem aparece aos poucos a partir da tela escura. *Fade*

out: a imagem some gradualmente até tornar-se totalmente escura.

Corte – Passagem direta entre as cenas

Outros efeitos podem ser explicados sem o uso específico de termos.

A indicação de falas e diálogos das personagens é indicado de forma semelhante ao texto teatral, porém tem a vantagem de termos a voz da personagem representando o seu pensamento. Nesse caso, utilizamos o termo (OFF) – entre parênteses logo depois do nome da personagem – para indicar que a fala indica a introspecção da personagem. Exemplo:

CENA 134 – *O Jantar* – Interior, noite

(PP)

SOFIA (OFF) – Espero que ninguém me pergunte onde eu estive até agora há pouco. (Voz alta) – Alguém quer salada?

Outra regra muito importante na realização do roteiro é a convenção de uma página por minuto de filmagem. Uma cena muito longa, por exemplo, pode ser descrita em poucas palavras mas deve ser representada no roteiro de forma proporcional ao tempo de sua realização.

Exercícios:

1. *Assista a um filme e escreva seu argumento em, no máximo, dez linhas.*
2. *Assista a um filme, seriado, novela ou campanha publicitária. Escolha uma das cenas e tente representar sob a forma de roteiro. Seja o mais detalhista possível.*
3. *Faça uma pequena adaptação, com poucas cenas, a partir de um texto literário. Visualize mentalmente e por escrito a melhor forma de representar o trecho escolhido.*

Captação

Antes do trabalho de captação propriamente dito, é preciso fazer a **decupagem técnica** do roteiro. O processo é simples porém trabalhoso.

O roteiro deve ser totalmente desmembrado e reorganizado a partir dos locais onde serão realizadas as filmagens. Em outras palavras, a filmagem não deve seguir a mesma seqüência do roteiro. Por exemplo: cenas noturnas podem ser realizadas em uma mesma noite, ainda que representem noites distintas. Cenas em uma determinada locação (igreja, escola, etc.) podem ser agrupadas e realizadas no mesmo dia. Esse tipo de decupagem é principalmente utilizado pelo diretor do filme.

Durante a decupagem também é preciso fazer uma espécie de roteiro para os outros profissionais. Deixar claro os dias em que serão realizadas determinadas cenas facilita o trabalho dos figurinistas, cenógrafos, maquiadores, etc.

Por se tratar de uma fragmentação do filme, é indispensável o trabalho de um profissional chamado **continuista**. Sua tarefa é a de conhecer fluentemente o roteiro e ser um observador minucioso de todos os objetos deixados em cena, posição dos móveis, reparar se a janela estava aberta ou fechada, ou seja, pequenos detalhes que fazem a diferença quando uma cena tem suas filmagens divididas em mais de um dia.

Storyboards

Com a influência da publicidade, a decupagem técnica passou a ser substituída em parte pelos Storyboards e hoje são amplamente utilizados no cinema e na televisão. Trata-se de uma visualização gráfica mais ou menos sumária, que fornece, numa espécie de história em quadrinhos, o esboço dos elementos que entram no enquadramento.

Enquadramento

Algumas regras de composição fotográfica se aplicam à composição do enquadramento em vídeo. Sempre tente equilibrar os diversos elementos em seu quadro e considere cada tomada em relação à seguinte.

Não se sinta sempre obrigado a colocar seu alvo principal no centro do quadro. Imagine que seu quadro é dividido igualmente por duas linhas horizontais e duas verticais. Os quatro pontos onde estas linhas se cruzam são freqüentemente os melhores lugares para posicionar os elementos mais importantes em sua composição.

Tome cuidado quando fizer tomadas estáticas de pessoas. Enquadre sua tomada de forma que haja mais espaço de tela na direção em que a pessoa está olhando do que atrás. O resultado será confortável para o espectador.

Manuseando a câmera

Temos, hoje em dia, uma facilidade maior de acesso às câmeras se compararmos há vinte anos atrás. As câmeras necessitavam de um suporte apropriado devido ao seu peso e tamanho. A tecnologia possibilitou carregarmos uma câmera digital de altíssima qualidade na palma da mão, com peso não superior a um quilo.

Mas se por um lado a tecnologia aproximou-nos das câmeras, por outro lado, as noções técnicas de fotografia e enquadramento permanecem e devem ser respeitadas. Seja qual for o equipamento utilizado, é preciso evitar deslocamentos bruscos da imagem. A leveza das câmeras de mão, por exemplo, pode ser refletida em uma vibração desagradável da imagem. Na maioria dos casos é recomendado o uso de tripés e suportes para as câmeras.

Ao realizar uma panorâmica, faça uma tomada estática no início e no fim. Em cada uma delas mantenha um mínimo de 3 segundos para que o espectador possa absorver a imagem. Estime a velocidade da panorâmica permitindo cerca de cinco segundos para o alvo passar de um lado do quadro do visor ao outro. Evite panorâmicas com ângulos superiores a 90° pois podem se tornar cansativas ao espectador. Pratique os movimentos da câmera algumas vezes antes de filmar.

Utilize a lente de zoom para fazer seu alvo parecer maior ou menor no visor sem mudar a posição da câmera. Porém, evite o efeito “trombone”, o vai-vem repetitivo do efeito de zoom. Na maioria das câmeras, a velocidade do zoom é determinada por um motor. Os movimentos de zoom manual são freqüentemente menos suaves do que os motorizados. Se possível, pratique antes de filmar.

